

O MITO DO AMOR ROMÂNTICO E O AMOR IDENTITÁRIO: PRODUÇÃO DE VIOLÊNCIAS EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS

THE MYTH OF ROMANTIC LOVE AND IDENTITY LOVE: THE PRODUCTION OF VIOLENCE IN LOVE RELATIONSHIPS

Ana Clara Custódio de Melo¹
Letícia de Mélo Sousa²

Resumo: o presente artigo buscou analisar como o mito do amor romântico contribui para a permanência de mulheres em situações de violência. Para isso, foi necessário realizar um resgate histórico da construção do amor romântico, especialmente com a ascensão da burguesia, a fim de entender sua visão na contemporaneidade. O mito do amor romântico é uma construção social e histórica, sendo o amor uma invenção humana que pode ser modificada ao longo do tempo. Esse mito contribui para os dispositivos amorosos que colocam o amor como o objetivo central e único na vida das mulheres, apresentando o amor, o cuidado, a beleza, a servidão e a submissão como aspectos naturais do ser mulher na sociedade ocidental. Esse aspecto identitário do amor, para as mulheres, é um fator de desempoderamento e, para os homens, um fator de proteção da saúde e dominância. Logo, para as mulheres, esse dispositivo amoroso colabora para a aceitação de diversas situações dentro de um relacionamento, pois o amor, apenas para elas, tudo deve suportar, inclusive a violência. Portanto, o amor passa a ser um tema essencial na discussão e na proteção da saúde das mulheres brasileiras, ressaltando a importância do letramento de gênero como forma de combate à violência.

Palavras-chave: Amor romântico; dispositivos amorosos; identitário; violências; mulheres.

Abstract: this article sought to analyze how the myth of romantic love contributes to women remaining in situations of violence. To do this, it was necessary to take a historical look at the construction of romantic love, especially with the rise of the bourgeoisie, in order to understand its vision in contemporary times. The myth of romantic love is a social and historical construction, and love is a human invention that can be modified over time. This myth contributes to love devices that place love as the central and only goal in women's lives, presenting love, care, beauty, servitude and submission as natural aspects of being a woman in Western society. This identity aspect of love, for women, is a factor of disempowerment and, for men, a factor of health protection and dominance. Therefore, for women, this love device helps them to accept various situations within a relationship, because love alone means that they have to put up with everything, including violence. Therefore, love becomes an essential theme in the discussion and protection of the health of Brazilian women, highlighting the importance of gender literacy as a way of combating violence.

Keywords: Romantic love; love devices; identity; violence; women.

1 INTRODUÇÃO

No período neolítico, a partir do surgimento da propriedade privada, do conhecimento da participação masculina na procriação e da necessidade de descendentes para assumir a

¹ Estudante de Psicologia do Centro Universitário Facisa. Atualmente, membro do Grupo de Estudo em Gênero e Sexualidade (GEX) e extensionista do projeto "De frente ao luto: um olhar para aqueles que cuidam".

² Professora do curso de Psicologia da UNIFACISA - Centro Universitário - Campina Grande/PB. Doutora e Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (PPgPS - UFPB). Psicóloga (CRP/13 - 6856), graduada e licenciada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Coordenadora do Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade (GEX) da UNIFACISA. Pesquisadora nas temáticas: Exposição Íntima Online (pornografia de vingança / violência sexual tecnologicamente facilitada); Gênero e Sexualidade; Violência contra a Mulher; Violência Online; Políticas Públicas.

herança, surge o casamento monogâmico e as primeiras formas de opressão entre os sexos. No seio familiar, a mulher possui seu direito à liberdade sexual e social retirado (Santos *et al.*, 2014), o casamento surge como uma instituição de controle do corpo feminino responsável pelo seu controle e exploração. Entretanto, é importante destacar que essa monogamia era imposta apenas às mulheres, enquanto os homens usufruíam de uma não-monogamia informal (Zanello, 2018), vista como um mal inevitável entre os homens.

O mito do amor romântico é uma construção histórica e social do final do século XVIII. Antes disso, o casamento estava ligado a interesses socioeconômicos e à manutenção da propriedade privada entre os descendentes da prole, como um negócio ou união conveniente para fins políticos e econômicos. Na sociedade tradicional, o casamento se constituía como um ato demasiado sério para resultar da escolha pessoal (Dias, 2003). É através disso que a sociedade atribui o âmbito privado e doméstico às mulheres, sustentada pela crença de que toda mulher é naturalmente cuidadora, enquanto aos homens foi determinado o âmbito público.

O amor, como conhecemos nos dias de hoje, e o casamento por amor, é um fenômeno tardio, que se consolidou no fim da era moderna e ganhou força junto ao processo de industrialização e urbanização (Zanello, 2018). Se, anteriormente, o casamento era vivenciado apenas como um negócio que não associava amor, desejo e matrimônio, na sociedade ocidental atual, o amor passa a ser uma preocupação central, tornando-se uma condição primordial para a realização do casamento, e uma pessoa que passe pela vida sem amor é, tipicamente, considerada como não tendo alcançado a sua realização pessoal (Carvalho, 1999). Nota-se, portanto, que o amor é um fenômeno histórico e adquire conteúdos divergentes nas diferentes épocas históricas (Lagarde, 2001).

Dessa maneira, o mito do amor romântico se constitui, de forma não uniforme, como base e fundamentado no casamento (Dias, 2003). A psicologização da vida privada incentivou os indivíduos a verem o mundo exterior como impessoal e vazio, assim, o sentido da sua própria existência estaria nas realizações individuais, como a procura de um casamento e a constituição de uma família (Dias, 2003). Entretanto, para as mulheres, isso adquiriu outros contornos, tornando-se uma questão identitária inexorável ao ser mulher, promovendo uma terceirização da autorrealização e autoestima femininas.

As mulheres solteiras passaram a ser vistas como mal-sucedidas, fracassadas, sendo uma prova do insucesso feminino (Zanello, 2018), já que o sucesso estaria na conquista de um homem. Tornou-se necessário que um homem as deseje para que elas se sintam desejáveis, fundamentado nisso, o “ser escolhida” por um homem passou a ser algo central na vida das mulheres (Zanello, 2018), como reforçado por frases como “e os namoradinhos?” ou “vai ficar para titia”. Para os homens, a solteirice passa a ser vista como um investimento no futuro, focado na carreira e no aproveitamento da vida. Para as mulheres, o valor pessoal apenas pode ser afirmado pelo desejo de um homem.

Assim, o amor passa a ser um fator de desempoderamento das mulheres e empoderamento dos homens, visto que a necessidade de serem escolhidas e validadas como “mulher” as leva a aceitar tudo dentro de uma relação (Zanello, 2022). O amor se torna uma questão identitária, que coloca em risco a saúde física e psíquica das mulheres, pois:

O desespero em se casar as leva, muitas vezes, a se casarem com o ideal de casamento e a suportar situações extremamente dolorosas (...) Para elas, o amor ou essa forma de amar nelas interpelada é uma questão identitária. Por isso, na maioria das vezes, romper uma relação, ainda que seja violenta, é colocar-se em xeque como mulher que fracassou, pois não foi nem mesmo capaz de “manter um homem” ou de consertá-lo (Zanello, 2022, p. 67).

Em pesquisa realizada no Brasil pela Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) em 2019 (IBGE, 2021), estimou-se que 27,6 milhões de pessoas sofreram violência psicológica, 6,6 milhões de pessoas sofreram violência física e 1,2 milhões sofreram violência sexual, sendo as mulheres as principais vítimas. Vale ressaltar que parte dos autores desses três tipos de violência eram conhecidos das vítimas. Em decorrência disso, cerca de 3,5 milhões dessas vítimas deixaram de realizar atividades habituais em decorrência da violência sofrida. Entre os agressores físicos de mulheres, 52,4% eram companheiros ou ex-companheiros, dos agressores sexuais de mulheres 53,3% eram companheiros ou ex-companheiros. Em violência psicológica, 24,5% foi cometida por cônjuge, companheiro(a), parceiro(a) ou namorado(a), inclusive até mesmo ex-cônjuge, ex-companheiro(a), ex-parceiro(a) ou ex-namorado(a).

Com base nesses dados, este trabalho tem como objetivo analisar de que forma o mito do amor romântico contribui para a permanência de mulheres em situações de violência. Algumas perguntas guiaram a construção desse estudo, como: O mito do amor romântico possui relação com os índices de violência? Como o mito do amor romântico sustenta violências nas relações heterossexuais? O que faz algumas mulheres permanecerem em situações violentas? Esses questionamentos são essenciais para o esclarecimento de processos de violência que não apenas adoecem, mas também matam as mulheres. Dessa maneira, para refletir sobre essas questões, o presente estudo parte de uma abordagem qualitativa, através da análise bibliográfica e documental.

2 A CONSTRUÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO, DISPOSITIVOS E PRODUÇÃO DE VIOLÊNCIAS

O amor passa a ser objeto de estudo, não apenas na atualidade, como em toda história da humanidade, por diferentes instituições e autores, tornando-se necessário conhecer as

mudanças e transformações que a visão sobre o amor passou, com o propósito de se entender o mito do amor romântico, hegemônico nos dias de hoje.

A Igreja Católica, por exemplo, foi uma difusora da ideia de um amor voltado somente a Deus, assim, a sexualidade seria um elemento desestabilizador deste ideário, pois é vista como fracasso e pecado (Guedes; Assunção, 2006) por ser um obstáculo à dedicação plena a Deus. Entretanto, apesar da influência da Igreja cristã, esta acaba enfrentando dificuldades em manter essa visão com o advento do amor cortês, que possuía sua atenção fora da sexualidade.

Na Idade Média, surge o amor cortês, como sendo a primeira forma de manifestação do amor romântico mencionado na história e que influencia, até hoje, a nossa percepção sobre o assunto. Através da idealização, os desejos sexuais não são levados em consideração e sim a experiência idealizada de se apaixonar (Santos *et al.*, 2014). É nesse contexto que nasce a poesia trovadoresca, na qual se exalta a beleza da mulher amada e suas qualidades, onde o homem assumia um papel de dominador e conquistador dessa mulher ausente. Salienta-se que, no feudalismo, o fenômeno das relações amorosas era atravessado pelas relações de poder entre as famílias (Guedes; Assunção, 2006).

Nessas circunstâncias, o casamento era considerado um negócio, um acordo entre as famílias, uma forma de garantir a continuidade da linhagem e a perpetuação da herança. Pois, a herança familiar não era passada a todos filhos do senhor feudal após sua morte, e a expectativa era casar o primogênito com uma mulher rica para que ele unisse a sua herança ao dote da esposa. No casamento poderia haver estima, mas nunca amor, pois este era considerado perpetuação da desordem, enquanto o casamento seria uma instituição séria e alicerçava a ordem (Santos *et al.*, 2014). Diante disso, o amor cortês seria uma construção social, resultado da contradição entre as normas feudais e cristãs e o desejo e paixão, como trazido por Costa e Belmino (2015):

Um amor sagrado e para o sagrado, onde o propósito de felicidade seria alcançado na aceitação da própria renúncia, uma espécie de masoquismo a serviço do amor. Com o amor cortês há uma lascivização do objeto ideal do amor, a dama, passa a substituir o lugar do sagrado como objeto de desejo (Costa; Belmino, 2015, p. 431).

É por meio do amor cortês, que desenvolveu-se a ideia de um amor individualizado, que influenciou a construção do amor romântico, ainda presente nos dias de hoje. No entanto, durante a Idade Moderna, aconteceram mudanças importantes, principalmente no casamento, dentre as quais pode-se destacar: o estímulo à oficialização dos casamentos e a perseguição aos celibatários; os maridos passaram a exercer uma espécie de monarquia doméstica; as mulheres eram juridicamente incapazes sem a autorização de seus maridos;

os filhos só podiam se casar com a autorização de seus pais; as reformas protestante e católica que incentivaram a vigilância sobre a moral dos fieis (Del Priore, 2007).

No Brasil, os recursos utilizados pela Igreja para oficialização dos casamentos eram os “privilégios” políticos, que poderiam, por exemplo, evitar que casais de pessoas escravizadas fossem vendidos separadamente ou, no caso de pessoas pobres livres, impedir que o homem abandonasse suas esposas, além de reprimir graves atos de violência por parte do marido contra sua esposa (Zanello, 2018). O que se propagava, juntamente, era o sexo meramente para fins de procriação, com relações breves e rápidas, além da defesa de uma hierarquia matrimonial sustentada pelos papéis de gênero. Aos homens, era destinado o papel de provedor e a liberdade de vivências sexuais fora do casamento. Para as mulheres, esperavam a virgindade, pureza, generosidade e fidelidade. As mulheres ideais para o casamento deveriam ser submissas aos maridos e oferecer um amor que reforçasse a ordem familiar (Zanello, 2018), ressaltando o casamento como uma instituição de controle ao corpo feminino. O adultério era cometido pelos homens com mulheres negras e pobres, a misoginia racista da sociedade colonial classificava as mulheres em categorias: aquelas para casar e aquelas para ter relações sexuais. Como expressado no ditado: “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar” (Zanello, 2018).

Entretanto, é com o Renascimento que se constrói a ideia de amor romântico, considerado puro e regido pelos padrões institucionalizados (Costa; Belmino, 2015). Assim, com a ascensão burguesa, a atenção é voltada para priorização das necessidades individuais, expondo as virtudes do sexo e de seus preparativos para a satisfação do desejo (Santos *et al.*, 2014). Nesse contexto, surge o casamento por amor-paixão, no qual as relações amorosas se fundam em torno da ilusão de um amor eterno e da arte da sedução (Guedes; Assunção, 2006).

Através do processo de mudança do sacramento matrimonial, que ocorreu no Concílio de Trento no século XVI, instituiu-se o casamento monogâmico como regra. O matrimônio se apresenta como um instrumento de privação do corpo feminino, mantendo a mulher no âmbito doméstico sob a justificativa dos papéis de gênero. Esse amor, advindo do casamento preconiza que a mulher deve continuar sendo submissa ao homem, porque o amor (para as mulheres) tudo perdoa, tudo espera, é paciente e tudo suporta, inclusive a violência (Santos *et al.*, 2014).

Por serem atributos “naturais” das mulheres, aquelas que não cumprissem seu papel de esposa e mãe estavam fadadas ao fracasso e à infelicidade. Posto isso, era necessário que um homem as escolhesse, pois, a escolha era um direito e uma liberdade dos próprios e as mulheres deveriam se fazer escolhidas (Zanello, 2018). Aos homens, o individualismo que desponta com o advento da Revolução Industrial e do capitalismo trouxe a valorização da autossuficiência econômica, bem como a realização profissional e pessoal (Zanello, 2018).

Com a Revolução Industrial e a crescente urbanização no Brasil, diversos campos da ciência, inclusive a psicologia, passaram a construir justificativas para as hierarquias de gênero. As mulheres “solteironas” passam a ser vistas como mal sucedidas, mal amadas, pois elas nunca estariam completas e felizes sem um homem. Logo, ter um homem, mesmo que ele seja violento ou não atenda às suas expectativas, é visto como mais importante do que não ter um relacionamento, pois a felicidade e o sucesso feminino estariam em ser escolhida e não apenas em ser amada por um homem. O casamento passou a ser uma relação assimétrica, na qual as mulheres dão tudo o que têm e dão aos homens o que querem, sendo necessário que elas mesmas se calem para a manutenção do bem-estar da relação (Zanello, 2022).

O amor, as emoções, os afetos e os sentimentos são mediados pelo contexto social, cultural e político, sendo interpelados, legitimados e significados de maneiras distintas para homens e mulheres através de uma pedagogia afetiva (Palma; Richwin; Zanello, 2020). O mito do amor romântico, por exemplo, é sustentado por alguns mitos que influenciam nossas emoções e moldam concepções de gênero e sexualidade, como o mito da “metade da laranja”, o mito dos ciúmes como sinônimo de amor, o mito da onipotência, o mito do matrimônio e da convivência (Cordeiro, 2022). Trata-se, portanto, da construção de tecnologias de gênero, ou seja, um conjunto de diferentes tecnologias sociais (como o cinema, revistas, discursos e práticas da vida cotidiana) que moldam e reproduzem as normas e expectativas de gênero (Lauretis, 1984). De acordo com Swain (2006), as tecnologias são:

Discursos sociais produzem sexo - corpos biológicos - e sexualidade - práticas sexuais - de forma mais densa no binário e na hierarquia, e assim produzem gêneros, diferenças, margens, centros, polaridades, padrões, tipologias e as diferenças assim instituídas trazem as marcas do político, das relações de poder de um patriarcado que ainda não disse suas últimas palavras [...] O dispositivo amoroso investe e constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem (Swain, 2006, p. 6-10).

O dispositivo amoroso para Zanello (2018), é uma categoria analítica responsável pela forma como as mulheres percebem e constroem suas identidades, voltadas para o desejo de serem amadas. Esse desejo molda a forma como elas se percebem no mundo e como percebem o mundo ao seu redor. Para Swain (2006), o dispositivo amoroso assume um papel estruturante na subjetividade e na vida das mulheres, contribuindo para a construção de corpos femininos e conduzindo-as a uma heterossexualidade incontornável.

Atrelado a isso, Zanello (2022) utiliza a metáfora da “Prateleira do Amor”, na qual a autoestima feminina é construída e validada pela possibilidade de ser escolhida por um

homem, bem como pela capacidade de mantê-lo. O fracasso nessa missão implica no fracasso de sua própria identidade.

Diante de uma prateleira etarista, capacitista, gordofóbica e racista, os homens se sentem no direito de avaliar moral e fisicamente as mulheres, enquanto estas, por sua vez, são pressionadas a aceitar qualquer relação, mesmo que seja violenta, para serem validadas como “mulheres”. Nesse contexto, a mulher considerada “fracassada” seria aquela que não conseguiu “transformar” o homem em alguém melhor ou não conseguiu manter o relacionamento, ainda que marcado pela violência. A mulher solteira, segundo a “Prateleira do Amor”, nunca é vista como bem-sucedida, pois o amor é uma questão identitária para elas, o que contribui para a permanência das mulheres em relacionamentos violentos, tornando-se comuns expressões como: “ruim com ele, pior sem ele” (Zanello, 2022).

Logo, o dispositivo amoroso não apenas constrói formas de amar, sempre direcionadas às relações heterossexuais, como também cria mulheres, propondo uma “natureza” feminina que guia seus pensamentos e comportamentos na busca de um amor perfeito (Swain, 2006). Conforme Palma, Richwin e Zanello (2020), pelo dispositivo amoroso o amor se torna, para as mulheres, um ponto central de dedicação e propósito de vida, permitindo a expressão de sua identidade e sua legitimação social. As mulheres, no contexto brasileiro, são constituídas em torno de uma carência, em uma posição de falta a ser e em detrimento de si mesmas, ou seja, a construção da identidade feminina é mediada pelo olhar de um homem (Zanello, 2018).

Portanto, as tecnologias de gênero são constitutivas do devir de ser mulher, por meio da repetição de normas, pela iteração, pela resistência ou pela superação dessas normas e definições (Swain, 2006). Por exemplo, as mulheres aprendem desde a infância a se calar, a relevar, a internalizar abusos e violências, e a se responsabilizar pelos atos de violência em nome do apaziguamento e do cuidado com os outros (Cordeiro, 2022). Assim, a sexualidade, além de ser um aspecto físico e emocional, também envolve dinâmicas sociais, como a posse, a traição, a auto-estima, a emoção e a performance de comportamentos esperados pela sociedade, com modelos idealizados e inatingíveis (Swain, 2006).

Desse modo, o término de uma relação é sentido como algo que coloca em xeque o valor da mulher, sendo percebido como uma falha identitária ou um fracasso enquanto mulher (Palma; Richwin; Zanello, 2020), já que uma “mulher de verdade” seria capaz de corrigir ou consertar o homem em questão e se dedicaria à manutenção dessa relação. Diante disso, a ruptura é evitada a todo custo, levando muitas mulheres a suportarem o desamor e situações de violência, pois a separação seria um fator de desempoderamento diante da sociedade.

A autoestima estaria atrelada ao fato de se enquadrar nessa relação e não ao rompimento da própria (Porto, 2023), o que Zanello (2018) chama de “casar-se com o casamento”. Por meio da misoginia e do mito do amor romântico, culturas sexistas

distorcem a percepção das mulheres sobre a violência que está ocorrendo no relacionamento (Cordeiro, 2022), partindo da concepção de que essas situações são naturalizadas e as mulheres são ensinadas a suportá-las.

Em pesquisa realizada por Jardim e Moura (2017), consta que o amor romântico é um elemento essencial para a produção de hierarquias e desigualdades nas relações, principalmente para as mulheres. Essa desigualdade se traduz em violências, ao longo de suas vidas, onde uma em cada três mulheres no mundo é vítima de violência física ou sexual por parte de seu parceiro, ou de violência sexual por parte de um não parceiro. Isso equivale a 736 milhões de mulheres sendo vítimas de violência. Além disso, a violência começa cedo: uma a cada quatro mulheres jovens (15 a 24 anos) que estão em um relacionamento já terá sofrido violência por parte de um parceiro íntimo quando completar 25 anos (WHO, 2021). De maneira que a violência por parceiro íntimo é, de longe, a forma mais prevalente de violência contra as mulheres, globalmente, afetando cerca de 641 milhões (WHO, 2021).

A violência doméstica é considerada uma das formas de violência mais cruéis e complexas, que acontece dentro do lar, ambiente o qual deveria ser um local seguro e harmonioso. Dessa forma, a violência é um fenômeno social, complexo e multifatorial que afeta diversas mulheres no Brasil (Machineski, 2023). Esse fenômeno, quando não resulta na morte da mulher, que não são poucas as vezes, afeta as mulheres de formas drásticas (Santos *et al.*, 2014), causando consequências físicas, psicológicas e sociais que perduram no dia a dia da vítima.

Atrelado a isso, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2024), apresentou dados sobre a violência contra a mulher em todo território brasileiro, por meio do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. Na seção “Análise da denúncia”, subseção “cenário da violência”, é apresentado que, de janeiro até o mês de setembro de 2024, foram registrados 212.256 denúncias e 1.473.306 violações em casos em que a vítima e o suspeito residem no mesmo local. Neste ponto, podemos ressaltar como o caráter identitário do amor para as mulheres é violentador para elas, tornando, até mesmo, difícil a separação do homem que as violenta. Como resultado de uma pesquisa realizada por Jardim e Miwa (2023), destaca-se que a maioria das mulheres que sofrem violência não sente mais amor pelo companheiro, mas, mesmo assim, se sentem presas a ele. Logo, essa demanda de se sentir amada a qualquer custo por um homem, para que se sinta aceita pela sociedade e que se sinta mulher, pede todos os tipos de sacrifício da mulher, inclusive sua própria vida.

Com isso, os mitos de amor romântico afetam de diferentes formas homens e mulheres, pois, desde meninas, a construção de um projeto de vida é atrelado a ter um homem consigo (Cordeiro, 2022). Ademais, esse imaginário de amor perfeito e avassalador, de príncipe encantado e salvador da donzela em perigo, de que, após encontrar um homem,

tudo termina em final feliz, reforça e media o olhar das mulheres sobre o mundo e sobre si mesma. Atrelado a isso, dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2024) indicam que as violências que acontecem diariamente chegam a somar 324.269 denúncias e 2.257.887 violações. As narrativas românticas representada pelos dispositivos midiáticos, não apenas são ilusórias e irreais, como também não refletem a realidade de muitas mulheres que, ao contrário dos enredos felizes, enfrentam violências diariamente.

As dores advindas do amor, no mundo ocidental, como expresso no ditado “amor rima com dor”, nas quais essas relações precisam chegar às consequências drásticas, têm levado milhares de pessoas aos consultórios de psicólogas(os) e analistas (Santos *et al.*, 2014). Entretanto, para hooks (2021), é inconcebível a ideia de que o amor e a violência podem coexistir, pois são palavras com sentidos opostos e a presença de um, resultaria na ausência do outro.

Diante disso, a visão de amor proposta pela burguesia, como um sentimento involuntário e avassalador, retira do sujeito a responsabilidade sobre o amor. Essa visão ainda influencia as relações amorosas atuais. Em contrapartida, hooks (2021) propõe o amor como um ato político e uma ética de vida, que exige decisão e ação, pois não somos obrigados a amar, nós escolhemos amar e, como uma escolha, temos responsabilidade sobre ele. Logo, retirar do pessoal o amor é tornar o próprio ato em um ato político baseado na ética.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ressalta-se que o amor, por ser uma invenção humana, é atravessado por fatores históricos, culturais e sociais e, por isso, se modifica com o passar do tempo. Entretanto, apesar das mudanças pelas quais o amor passou ao longo dos anos, é nítido o seu caráter patriarcal, evidenciado pela justificativa dos papéis de gênero, destinando à mulher o cuidado, o bem-estar de todos e o âmbito doméstico.

Com base nas tecnologias de gênero, o mito do amor romântico é criado, caracterizado por seu caráter ilusório e performático. Para as mulheres, ele se torna o objetivo de vida, sua principal realização, aquilo que lhes dará felicidade e a chancela de serem mulheres de verdade quando se têm um homem ao seu lado, independentemente de ele ser violento e abusivo. Assim, o fato do amor tornar-se identitário para as mulheres colabora para que vítimas de violência permaneçam em relacionamentos abusivos, atribuindo-lhes não apenas a responsabilidade pela violência sofrida, mas também o poder de mudar esse homem para melhor, com base no mito de que uma mulher de verdade transformaria um agressor em um homem amoroso.

O mito do amor romântico não apenas é prejudicial para a saúde das mulheres, como também coloca suas vidas em risco. Apesar dessa construção ser prejudicial para ambos os gêneros, percebe-se que ela protege os homens psiquicamente e fisicamente, enquanto

coloca a vida das mulheres em risco. Dessa forma, faz-se necessário pensar em novas formas de amar, construções mais saudáveis que permitam às mulheres não terem suas vidas violadas, além de permitir que elas sejam alguém além do amor romântico.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Cláudia Constante. Identidade e intimidade: Um percurso histórico dos conceitos psicológicos. **Análise psicológica**, p. 727-741, 1999. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/5949>. Acesso em: 25 set. 2024.

COSTA, Tatiane; BELMINO, Marcus César. Poliamor: da institucionalização da monogamia à revolução sexual de Paul Goodman. **IGT na Rede**, v. 12, n. 23, p. 424-442, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1807-25262015000200008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 25 set. 2024.

DEL PRIORE, Mary. **Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno**. Estudos de Religião, Ano XXI, n. 33, p. 121-135, 2007.

DIAS, Isabel. Amor e violência entre os sexos. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia**, 2003. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8770/2/artigo8531.pdf>. Acesso em: 16 set. 2024.

CORDEIRO, Luana Macedo. **Amor romântico e relacionamento amoroso em perspectiva: Processos formativos construídos com mulheres da Universidade de Brasília em oficinas de extensão**. Tese (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília (UnB), 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNS 2019**: em um ano, 29,1 milhões de pessoas de 18 anos ou mais sofreram violência psicológica, física ou sexual no Brasil. Brasília: DF, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30660-pns-2019-em-um-ano-29-1-milhoes-de-pessoas-de-18-anos-ou-mais-sofreram-violencia-psicologica-fisica-ou-sexual-no-brasil#:~:text=A%20PNS%20estimou%20que%2017,s%C3%A3o%20pessoas%20conhecidas%20das%20v%C3%ADtimas>. Acesso em: 19 set. 2024.

GUEDES, Dilcio; ASSUNÇÃO, Larissa. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista Mal estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, p. 396-425, 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200007. Acesso em: 21 set. 2024.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

JARDIM, Maria Chaves; MOURA, Paulo José Carvalho. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Revista TOMO**, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i0.6712>. Acesso em: 02 out. 2024.

JARDIM, Maria Chaves; MIWA, Marcela. A violência como vivência afetiva no amor romântico. **Rev. Cadernos de campo**, Araraquara, v. 23, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/17196/16719>. Acesso em: 03 out. 2024.

LAGARDE, Marcela. **Claves feministas para la negociación en el amor**. Managua: Puntos de Encuentro, 2001.

LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. *In*: Hollanda, Heloísa Buarque. **Tendências e Impasses** - O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MACHINESKI, Gicelle Galvan. O significado da atenção à mulher vítima de violência doméstica no contexto da Atenção Primária à Saúde. **Saúde em debate**, v. 47, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313915>. Acesso em: 03 out. 2024.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados/2024>. Acesso em: 07 out. 2024.

PALMA, Lavínia; RICHWIN, Iara Flor; ZANELLO, Valeska. Dispositivos de subjetivação e sofrimento das mulheres: para uma escuta gendrada das emoções no campo da psicoterapia. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 33, n. 2, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/56065/30826>. Acesso em: 02 out. 2024.

PORTO, Madge. Mulheres, violência e dispositivo amoroso: uma discussão a partir de Balzac. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, p. 67-79, 2023. Disponível em: <https://ojs.uva.br/index.php/trivium/article/view/381/298>. Acesso em: 02 out. 2024.

SANTOS, Adriana Cristina dos; FARIAS, Drielly Tenório Marinho; PEREIRA, Rosilene Francisca dos Santos; BARROS, Albani de. A violência contra a mulher e o mito do amor romântico. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, Alagoas, p. 105-120, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/1810/1065>. Acesso em: 18 set. 2024.

SWAIN, Tania Navarro. **Entre a vida e a morte, o sexo**. Labrys, Estudos Feministas, 2006. Disponível em: https://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-entre_a_vida_ea_morte.pdf. Acesso em: 03 out. 2024.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, gênero e dispositivos**: Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor**: Sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Devastatingly pervasive**: 1 in 3 women globally experience violence. Genova, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/09-03-2021-devastatingly-pervasive-1-in-3-women-globally-experience-violence>. Acesso em: 02 out. 2024.

Recebido em: 15/10/2024
Aceito em: 14/01/2025